



Periferia

E-ISSN: 1984-9540

periferiauerj@gmail.com

Universidade do Estado do Rio de  
Janeiro  
Brasil

Castelano Gama, Elizabeth

UM REI NEGRO NA BAIXADA FLUMINENSE: MEMÓRIA E ESQUECIMENTO

Periferia, vol. 6, núm. 2, julho-diciembre, 2014, pp. 101-119

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Duque de Caxias, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=552156370008>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

## UM REI NEGRO NA BAIXADA FLUMINENSE: MEMÓRIA E ESQUECIMENTO

Elizabeth Castelano Gama<sup>1</sup>

Universidade Federal Fluminense

### RESUMO

O artigo discute o momento de falecimento do sacerdote de Candomblé Joãozinho da Goméia, que se tornou personagem célebre no Brasil entre os anos 1940 e 1970. Seu João era baiano de Inhambupe mas construiu sua trajetória pública no estado do Rio de Janeiro, na Baixada Fluminense. Após sua morte, seu nome esteve envolto em um processo de disputa de memória e esquecimento na cidade de Caxias que ganha novos contornos com o passar do tempo.

**Palavras-chave:** Joãozinho da Goméia, Candomblé; Baixada Fluminense.

### A BLACK KING IN THE BAIXADA FLUMINENSE: MEMORY AND FORGETTING

#### ABSTRACT

The article discusses the time of death of the priest of candomblé Joãozinho da Goméia, who became famous character in Brazil between 1940 and 1970. His origin is Bahia, but built his public career in Rio de Janeiro, Baixada Fluminense. After his death, his name was wrapped in a dispute process of memory and forgetting in the city of Caxias with new contours over time.

**Keyword:** Joãozinho da Goméia, Candomblé; Baixada Fluminense.

João Alves Torres Filho, o João da Pedra Preta ou o Joãozinho da Goméia, faleceu em São Paulo, no dia 19 de março de 1971, devido a complicações decorrentes de um tumor maligno no cérebro. Na infância, João foi levado ao terreiro de Candomblé porque os médicos não conseguiam identificar a razão de tantas dores de cabeça que o garoto sentia. As dores de cabeça passaram depois da iniciação e ter vivido 57 anos com “problemas na cabeça” foi, para a mãe de João, um milagre, apesar dela nunca ter tido ligação mais estreita com a religião dos Orixás.

O pai-de-santo estava em São Paulo cumprindo compromissos religiosos no terreiro do seu filho Paulo Sérgio Nigro, Gitadê, quando sofreu uma síncope cardíaca

---

<sup>1</sup> Doutoranda em História pela Universidade Federal Fluminense. Em 2012 apresentou ao Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal Fluminense a dissertação: *Mulato, homossexual e macumbeiro: que rei é este? Trajetória de Joãozinho da Goméia (1914-1971)*, publicada em 2014 pela editora APPH-CLIO. E-mail: [elizabethcastelano@yahoo.com.br](mailto:elizabethcastelano@yahoo.com.br)

que o deixou inconsciente no dia 05 de fevereiro de 1971. Permaneceu no hospital onde teve raros momentos de lucidez e não resistiu à operação que tentou retirar um tumor maligno da região frontal do cérebro. Dona Maria Vitorina Torres, mãe de João desejava que o filho fosse enterrado na Bahia, mas foi convencida que não haveria melhor lugar para sepultar João do que Caxias, local que seus filhos achavam que o sacerdote teria vivido seus melhores dias.

O corpo de João foi trazido de carro de São Paulo por um cortejo de dezenas de carros, assim que chegaram à Caxias, Gitadê iniciou um movimento para que se organizasse uma grande romaria até o cemitério “para que sua obra jamais fosse esquecida”<sup>2</sup>. O corpo ficou exposto durante 26 horas no terreiro num caixão dourado para que os fiéis e curiosos pudessem dar o último adeus.

Os relatos e as imagens sobre a morte de João são fantásticos. Cortejo fúnebre com dezenas de carros, presenças ilustres no velório e no enterro, choros compulsivos, filhos que se jogavam na sepultura do pai-de-santo, outros filhos que entravam em transe com seus Orixás no cemitério, e uma grande tempestade. As tais águas de Março. Mas, para os religiosos presentes no enterro, era bem mais que um fenômeno explicado pela meteorologia: era a certeza que o pai-de-santo era acolhido pelo Orixá Oyá, Orixá das Tempestades, como é popularmente conhecida. O mar de lama e a histeria foram tão grandes no cemitério que muitos desistiram de dar o último adeus a João.



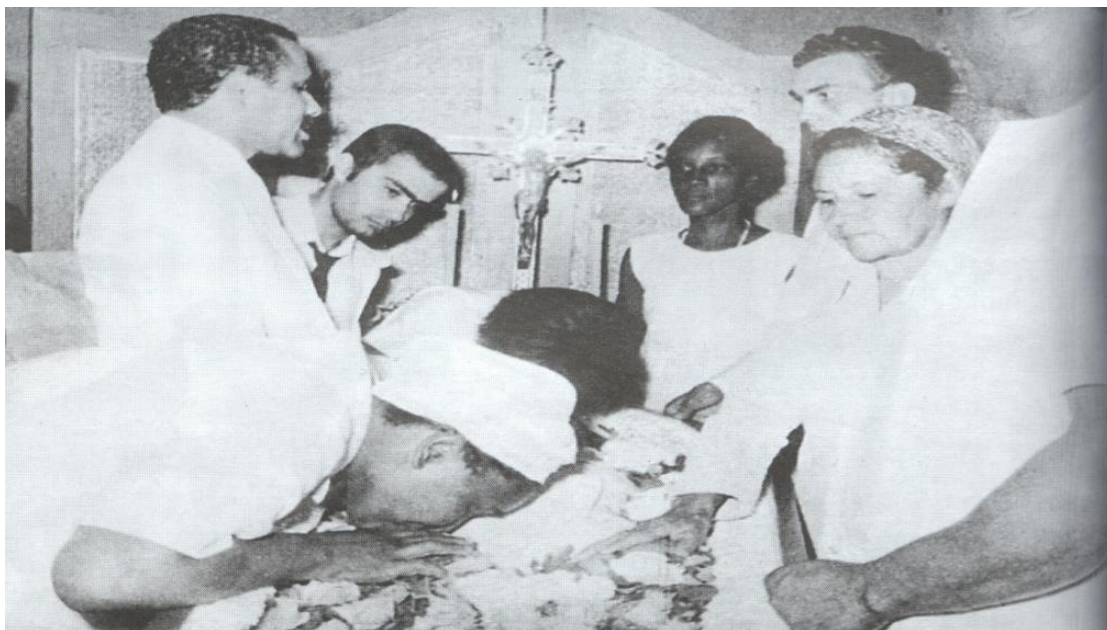
<sup>2</sup> UM REI DO CANDOMBLÉ. Jornal do Brasil, 21 de março de 1971.

Imagens do enterro: Adir Mera para reportagem de Borba (1971).

## Cortejo de filhas do Babalorixá João da Gomeia na entrada do cemitério em Caxias



## Imagens do desespero sob as lentes das revistas O Cruzeiro e Manchete









ENTERRO DO PAI DE SANTO

Nos jornais e revistas havia descrições e narrativas da trajetória de vida do pai-de-santo baiano que morria célebre, não havia menção dos conflitos, das polêmicas e das derrotas, havia apenas espaço para a exaltação do seu encanto e irreverência. No momento de morte de pessoas públicas é comum a imprensa fazer uma recapitulação da vida do morto, e com João não foi diferente. Fato curioso foi ter encontrado pouquíssimas referências sobre a questão da sua homossexualidade, o que não contradiz as reportagens dos anos 1940 e 1950 onde esse tema não aparece. O único comentário que faz alusão a sua opção sexual é a descrição que o Jornal do Brasil faz: “homem de fala mansa, gestos lânguidos, quase efeminados”<sup>3</sup>. Mesmo assim, em outros jornais observava-se que deixava uma senhora viúva na Bahia. No momento de sua morte, João é negro, sua sexualidade não é discutida e não é mais aquele “macumbeiro” semi-desconhecido do interior da Bahia.

O povo-de-santo também deu o seu depoimento nos jornais sobre Joãozinho da Goméia. O Babalorixá Djalma de Lalú (Djalma Souza Santos) contou aos jornais como João ajudava e acolhia em seu terreiro pessoas do candomblé que necessitavam de algum tipo de apoio:

---

<sup>3</sup> UM REI DO CANDOMBLÉ. *Jornal do Brasil*, 21 de março de 1971.

- Eu estava numa fase ruim aqui no Rio e tive de fugir por causa de perseguições de gente de outra seita. Tinha levado uma facada e fugi com meu filho na Bahia. Quando cheguei lá não conhecia ninguém e fui apresentado a Pai João na calçada. contei o que estava se passando comigo. Na mesma hora Pai João me botou dentro de um carro e me levou para a Goméia com meu filho, onde fiquei cinco anos. Nessa época ele nos sustentou. Pagava passagens, comida, me calçava e até dos meus impostos ele cuidou. [...]⁴.

Assim como Pai Djalma de Lalú, outros pais-de-santo bastante conhecidos no Candomblé do Rio de Janeiro, como Seu Waldomiro Baiano e Pai Bobó de Iansã também frequentavam o terreiro da Goméia e tiveram em João um apoio em suas trajetórias de consolidação de seus terreiros na Baixada Fluminense, assim como também ajudaram Joãozinho.

**Pai Bobó assumindo a direção da cerimônia no terreiro da Goméia enquanto João estava em transe com o Orixá Oxóssi.**



Em outros jornais também foram convidados para darem seus depoimentos pessoas de fora do culto, como foi o caso do frei Raimundo Cintra, professor de História das Religiões da PUC-RJ. O professor cita João como um profundo conhecedor

⁴ JOÃO, O PAI-DE-SANTO MORREU. **Correio da Manhã**, 20 de março de 1971.

das religiões africanas e suas transformações com a inserção de elementos da cultura branca no culto<sup>5</sup>. Relatos que num momento de morte se diferenciam bastante da visão que religiosos e pesquisadores tinham de João em vida.

O que se observa é que no momento de celebração da morte há uma tentativa de unificar uma memória favorável à construção de uma memória positiva e apagar a história conflitante que teve o sacerdote.

A revista *Manchete*, que cobriu o velório e enterro, publicou no dia 04 de abril de 1971 a reportagem que tinha como título “*Funeral para um rei negro*”, texto de Marco Aurélio Borba e fotos de Adir Mera (BORBA, 1971).

Em 1971 o mulato era negro e essa mudança não pode ser observada com naturalidade. Entre as décadas de 1930 e 1960 não encontrei nenhum tipo de registro que identificasse João como negro, que o identificasse ligado a qualquer movimento organizado de luta da população negra, houve apenas o esforço de Abdias Nascimento para esse tipo de aproximação que parece não ter tido frutos. Foi a partir do final dos anos 1960 que o movimento negro aproximou-se novamente dos terreiros e os privilegiaram como espaços de resistência negra. Morreu João negro, liderança religiosa expoente que resistiu e encantou uma sociedade racista.

Durante semanas a mídia explorava mais uma polêmica envolvendo o nome do sacerdote, perguntavam os jornais quem assumiria o trono do reinado de João. Era uma pergunta que não era feita somente pelos jornais e muita confusão foi gerada a partir do questionamento da sucessão. A frase “*Não há herdeiro*” foi dita pelo Comissário encarregado de abrir o cofre onde estaria o testamento que responderia a dúvida:

O Comissário Antônio Mota, da Delegacia de Duque de Caxias, abrirá amanhã o cofre do falecido “babalorixá” Joãozinho da Goméia, que está guardado no palacete da Avenida Paris, 55, em Bonsucesso, residência do pai-de-santo. Nesse cofre, além das jóias do “papa” do Candomblé no Brasil, está o testamento no qual Joãozinho da Goméia aponta o nome de seu sucessor. A casa, por medida de segurança, já encontra sob forte vigilância policial<sup>6</sup>.

<sup>5</sup> MORREU O BABALAÔ JOÃOZINHO DA GOMÉIA. *Diário da Noite*, 20 de março de 1971.

<sup>6</sup> *Última Hora*, 24 de março de 1971.



Não ter indicação escrita sobre a sucessão iniciou uma série de conflitos no terreiro que duram até os dias atuais. No Candomblé, há procedimentos formais para a sucessão das lideranças religiosas compartilhados pela maioria das casas. Após o período ritual do Axexê<sup>7</sup>, designa-se alguém considerado capacitado para consultar, através do jogo de búzios, a decisão dos Orixás para a sucessão. E este procedimento foi feito no terreiro da Goméia. Contudo, havia grupos entre os filhos do terreiro com opiniões divergentes sobre a sucessão antes mesmo de iniciado o jogo.

O procedimento foi realizado e a escolhida dos Orixás para assumir o terreiro da Goméia foi Sandra Regina dos Santos<sup>8</sup>, com apenas 8 anos de idade<sup>9</sup>. Menor de idade e sem condições de assumir a totalidade dos compromissos e obrigações que são impostas aos sacerdotes, a menina teria tutores que a ajudariam e completariam sua formação como mãe-de-santo. Foi a indicação desses tutores que provocaram desentendimentos sérios entre os filhos da Goméia e fez com que o terreiro permanecesse fechado até o momento.

Encerradas as atividades no terreiro, os elementos sagrados foram retirados, alguns roubados e a casa abandonada. Em 1987 o vereador Luis Brás de Luna indicou um ofício para a desapropriação do imóvel sugerindo a criação de um Centro Cultural Afro-brasileiro que homenagearia João. O ofício trouxe novamente o nome de João e do terreiro à mídia. Na revista *Caxias Magazine*, de Outubro de 1987, Eldemar de Souza escreve um artigo, *O terreiro da Goméia poderá ser preservado* (SOUZA, 1987), no qual comenta que alguém que passa naquele momento em frente ao terreiro coberto de escombros e de matagal não imagina quantos artistas, políticos e moradores da Zona Sul carioca estiveram ali presentes nos anos 1950, a ponto da

---

<sup>7</sup> Cerimônia realizada após o ritual fúnebre de uma pessoa iniciada no Candomblé.

<sup>8</sup> A menina escolhida como sucessora hoje é Iyalorixá de uma casa-de-santo em Brasília e é considerada ainda por parte dos descendentes da Goméia a sucessora legítima de João. Sebastião Paulo da Silva, Gitadê, babalorixá com terreiro em funcionamento no interior de São Paulo, também é considerado sucessor da Goméia. O conflito não parece ter fim depois de tantos anos mas ainda hoje escuta-se relatos de casos sérios de ameaças em relação a disputa.

<sup>9</sup> Alguns filhos acusaram que houve fraude no jogo de búzios.

Viação União alterar o trajeto e escrever no para-brisa dos ônibus da linha que fazia o trajeto Copacabana X Caxias: “Via Joãozinho da Goméia”.

A reportagem acompanha fotos de Francisco Alves onde se vê o estado completo de abandono do local. Também comenta sobre os esforços de Edgar de Souza (ator, radialista e naquele momento Presidente da Federação de Reizados do Estado do Rio de Janeiro) em preservar o local e o que ele representava para a região. O Prefeito naquele período era Juberlan de Oliveira e engavetou a indicação.

O terreiro da Goméia foi desapropriado apenas em 2003 durante a gestão de José Camilo Zito dos Santos, quando o vereador Ailton Lopes da Silva, o Ito, indicou ofício para ser construído uma creche no local. A desapropriação e a construção da creche no lugar de um Centro Cultural no local mobilizou alguns adeptos e simpatizantes do Candomblé que fizeram contato com o então ministro da Cultura Gilberto Gil. O ministro encaminhou a questão para a Fundação Palmares.

A proposta da criação de um Centro Cultural foi novamente discutida no encontro “Africanidades Religiosas e a Cultura”<sup>10</sup> ocorrido em Março de 2004 no Sesi de Caxias, o encontro foi promovido pela Secretaria Municipal de Cultura e pela Fundação Palmares. Apesar dos esforços, o terreiro da Goméia continua em estado de abandono.

Já havia iniciado a pesquisa sobre João da Goméia quando Ancelmo Góis em sua coluna no jornal *O Globo* publicou uma nota sobre João e acompanhei de perto a repercussão e desdobramentos do factóide que deu novo ânimo as discussões sobre a memória do pai-de-santo. Dizia a nota:

#### **Joãozinho da Gomeia**

Um funcionário evangélico do Cemitério de N. S. de Belém, em Duque de Caxias, RJ, teria plantado palmeirinhas e outros tipos de vegetação em volta do túmulo de Joãozinho da Gomeia para disfarçar sua localização e evitar romarias. Gomeia, pai de santo das celebridades nos anos 1970, vivia na cidade, onde morreu em 1974. Também teriam sumido roupas dele que estavam sob a guarda da Câmara Municipal.

---

<sup>10</sup> AUTORIDADES DISCUTEM UM TOMBAMENTO DO TERREIRO DO JOÃOZINHO DA GOMÉIA. **Folha da Cidade**, 20 de fevereiro de 2004.

**Celebridade...**

Joãozinho da Gomeia, para quem não sabe, tinha clientes ilustres como JK e era procurado até por artistas estrangeiros. Chegou a ser capa da finada revista "O Cruzeiro" e matéria na francesa "Paris Match".

**Para concluir...**

O descaso com a memória de Gomeia é revelado em tese de mestrado do historiador Antônio Peralta, da Universidade Severino Sombra, de Vassouras, RJ. (GÓIS, 2010, não paginado).

A notícia dada por Góis levou um grupo de religiosos, descendentes e admiradores de João da Gomeia, ao cemitério de Duque de Caxias. A princípio, o grupo foi formado para verificar a procedência da denúncia de intolerância religiosa, o encontro foi combinado na rede social *Orkut* em um dos fóruns de discussão sobre Candomblé. O encontro foi marcado para o dia 02 de Novembro, dia de finados.

Após visita ao sepulcro, o grupo retornou ao fórum e relatou sobre o abandono do local, mas não confirmou nenhum caso de intolerância religiosa. Resolveram retomar o projeto já duas vezes proposto de criação de um Museu no local onde funcionava o terreiro e colher assinaturas para enviar a Prefeitura de Caxias. As declarações dos integrantes do grupo eram unânimes: era preciso resgatar a memória do Rei do Candomblé que estava apagada e que era inadmissível um nome como Joãozinho da Gomeia ser esquecido.

Houve mobilização pela retomada do projeto, no entanto, nos dias posteriores o desânimo era visível e desabafos eram feitos nos fóruns que discutiam a situação do terreiro. Um jovem escreveu que tinha ido entregar panfletos em casas de artigos religiosos em Caxias e decepcionou-se com a falta de interesse e de consideração com a memória de Joãozinho, as pessoas lembravam do nome dele, mas não sabiam de fato quem foi e o que representou para a religião e para a cidade de Caxias. O grupo concordava que era preciso reverter essa situação para que o projeto tivesse apelo popular.

Mesmo com o desânimo e a falta de adesão ampla ao movimento, o grupo continua seus esforços e o evento do dia 02 de novembro foi repetido em 2011 e 2012, atraindo mais interessados na proposta de preservação da memória do pai-de-

santo baiano. A seguir algumas imagens<sup>11</sup> do movimento de “resgate da História” de João, expressão utilizada pelo grupo.




<sup>11</sup> As fotografias são de Waldemar Lapoente Alvarenga (Reizinho) e foram autorizadas para uso do artigo.



**Cartazes de divulgação do evento nos anos de 2010 e 2011**

**TRIBUTO DE AMOR E FÉ  
AO REI DO CANDOMBLÉ**



**DIA FINADOS  
02  
NOVEMBRO  
ÀS 10:00 Hs**

**CONVOCAÇÃO GERAL**

Convocamos a todos os irmãos de fé, independente de nação, raiz ou segmento, para juntos iniciarmos um manifesto em prol da construção de um mausoléu em homenagem sincera ao Sr. João Alves Torres Filho, Joãozinho da Goméia) «O rei do candomblé» e consequente assinatura de 'Abaixo Assinado' para junto aos órgãos públicos, por em prática, projeto já aprovado, que transforma onde foi o Terreiro da Goméia em MUSEU DO CANDOMBLÉ.

Haverá o encontro às 10:00 horas no cemitério N.S. do Belém - Corte 8 - Duque de Caxias, para assinaturas e dando seguimento com romaria/caminhada até o local do antigo terreiro da Goméia.

**SUA PRESENÇA É MUITO IMPORTANTE.**

## Tributo de Amor e Fé Ao Rei do Candomblé

Quarta-Feira

**02**

**Novembro**

Feriado



Convocamos todos os descendentes da família Goméia, ativistas culturais e pessoas de todos os credos preocupados com o resgate histórico, para juntos realizarmos um tributo em homenagem ao Rei do Candomblé - Joãozinho da Goméia. Este ato visa também cobrar ao poder público a construção do “Centro Cultural Afro Brasileiro Joãozinho da Goméia”, idealizado no ano de 1987 e aprovado no ano de 2004.

Vista seu traje branco e siga nosso cortejo, do túmulo ao terreno do antigo barracão, no trajeto inverso ao do sepultamento!

Local: Cemitério Nossa Senhora de Belém (Corte 8)

Endereço: Rua Primeiro de maio, esquina com Rua Capitão Damasceno  
Corte 8. Duque de Caxias – Rio de Janeiro

Horário: 10:00 horas

Feriado do Dia de Finados: 02 de Novembro de 2011

Organização Descendentes da Goméia: Bahia, Minas Gerais,  
Rio de Janeiro, Santa Catarina e São Paulo.

Apoio: [www.expressodofluxo.blogspot.com](http://www.expressodofluxo.blogspot.com)



Outras imagens sobre o atual estado do terreiro<sup>12</sup>.



<sup>12</sup> As imagens podem ser visualizadas no blog de Reizinho (2011).





RELIGIÃO

Sábado 8 de outubro de 2011 • EXTRA

# Memória perdida na Baixada

Terreiro do babalorixá Joãozinho da Goméia, precursor do candomblé no Rio, está abandonado em Caxias

CLARISSA MONTEAGUDO  
clarissa.monteagudo@extra.inf.br

Ele foi chamado de “o rei do candomblé” pela Rainha Elizabeth, quando ela, em visita ao Brasil, assistiu a um balé afro. Foi homenageado por Zeca Pagodinho na canção “Sapopemba e Maxambomba”. Mas o terreiro do babalorixá Joãozinho da Goméia — ponto de encontro de artistas e visitado até pelo presidente Juscelino Kubitschek — está abandonado em Duque de Caxias.

Assim como a casa onde nasceu a umbanda, em São Gonçalo, o barracão onde Da Goméia fazia trabalhos espirituais não existe mais. Segundo a Secretaria municipal de Cultura e Turismo, um projeto de 2004 para construir um Centro de Cultura Afro-Brasileira no local foi retomado.

— É patrimônio histórico que está indo pelo chão. Qualquer um entra no terreno. Está abandonado — reclama o universitário Walde-  
mar Alvarenga, de 31 anos.

A jornalista Sílvia de Mendonça, subsecretária de Cultura à época do projeto, lamenta a demora:

— Pedi a desapropriação do terreno, que passou a ser do município. O projeto está pronto e na época tinha apoio do ministério da Cultura. Ele foi produtor cultural, bailarino. Essa história é cultura.

WALDEMAR no terreiro de Da Goméia (no detalhe): abandono

## A favor da liberdade

■ Pastor da Primeira Igreja Batista de Nova Iguaçu, Edgard Barreto Antunes destaca a importância de os governantes jamais discriminarem nenhuma religião.

— Meu apoio é total para que tenhamos liberdade de culto. Sou pastor batista, mas cada um tem o direito de professar a sua fé. Qualquer movimento em prol da liberdade religiosa tem meu apoio. O prefeito é eleito pelo povo. Mesmo que seja com um percentual de votos evangélicos, ele é um líder político e deve estar apto a dialogar com toda a cidade. Isso é a absoluta democracia.

Integrantes da Comissão de Combate à Intolerância Religiosa agora aguardam a prefeita do município, Aparecida Panisset, analisar o pedido de tombamento do terreno onde ficava a casa, em Neves. De acordo com o babalorixá Ivanir dos Santos, interlocutor da comissão, a secretaria especial de Direitos Humanos da Presidência da República informou que está acompanhando o caso.

13

O Instituto Histórico de Caxias, localizado na Câmara Municipal, local que acolheu alguns objetos rituais, roupas e pertences pessoais de João doados por filhos-de-santo, participa ativamente do movimento em 2011 e realizou uma exposição

<sup>13</sup> MEMÓRIA PERDIDA NA BAIXADA FLUMINENSE, JORNAL EXTRA, 8 out 2011.



sobre o rei do candomblé como parte dos esforços de revitalização do nome do rei do Candomblé. A seguir o cartaz de divulgação e o convite da exposição.



**EXPOSIÇÃO**  
**JOÃOZINHO**  
**DA GOMÉIA:**  
**O COTIDIANO E O SAGRADO**  
**EM DUQUE DE CAXIAS**

*Mostra comemorativa pelo Dia Municipal da Cultura*

**24 de março de 2011**

**16h30min - no Salão de Exposições  
do Instituto Histórico / CMDC  
Rua Paulo Lins, 41 -  
Jardim 25 de Agosto - DC**



Realização:  
INSTITUTO HISTÓRICO / CÂMARA MUNICIPAL DE DUQUE DE CAXIAS  
Apoio:  
ASSOCIAÇÃO DOS AMIGOS DO INSTITUTO HISTÓRICO





*Estado do Rio de Janeiro*  
*Câmara Municipal de Duque de Caxias*  
*Instituto Histórico Vereador Thomé Siqueira Barreto*

*O Instituto Histórico da Câmara Municipal de Duque de Caxias tem o prazer de convidar Vossa Senhoria e Família para a abertura da exposição Joãozinho da Gomeia: o Cotidiano e o Sagrado em Duque de Caxias, comemorativa pelo Dia Municipal da Cultura.*

*O evento acontecerá no dia 24 de março de 2011, às 16h30min, no Salão de Exposições do referido Instituto, à Rua Paulo Lins, 41 - Jardim 25 de Agosto - Duque de Caxias - RJ.*

*Dalmar Lírío Mazinho de Almeida Filho*  
PRESIDENTE DA CMDC

A coluna de Ancelmo Góis, os desdobramentos do povo-de-santo com a fala de resgatar a memória de Joãozinho da Goméia e a pouca adesão ao movimento me fez questionar a relação entre passado e presente. A pesquisa, que se iniciou 6 meses antes do início do movimento de resgate, e pretendia observar aspectos do passado referentes a religião a partir de uma trajetória individual, ganhou nova dimensão pois eu não tinha conhecimento detalhado sobre a situação atual do terreiro, muito menos que a memória sobre Joãozinho da Goméia entre o povo-de-santo era tão dividida. Em contato informal com os adeptos da religião ouvi comentários sobre o pai-de-santo que iam de um extremo a outro e percebi que não havia nenhum tipo de consenso sobre a sua trajetória, como existe, por exemplo, consenso sobre a trajetória de grandes mães-de-santo como Iyá Aninha, Mãe Menininha do Gantois ou até mesmo Tia Ciata que possuem uma memória celebrativa, sem questionamentos sobre suas trajetórias. Com surpresa fui questionada por que não escrevia uma biografia sobre outros personagens ilustres do Candomblé.

O fato levou-me a considerar que mesmo após a sua morte, João da Goméia e seus descendentes ainda lutam pelo reconhecimento e pela inserção do nome de Joãozinho na memória no culto, ainda há muita resistência a essa inserção e a memória de João, que a julgar pela sua trajetória, deveria ser também uma memória celebrativa para o povo-de-santo, pode ser definida como uma memória ainda subterrânea (POLLACK, 1989).

A luta pela preservação da memória de João como ilustre sacerdote da religião pelo grupo que tenta resgatar seu nome acaba elaborando um passado ausente de erros, tensões e conflitos. O “resgate da história” e a “preservação da memória”, elaborada no presente, para atender as questões do presente, adquire um caráter acrítico e ofusca os conflitos do passado, mas também os do presente.

Os eventos do dia 02 de Novembro e a pouca adesão do povo-de-santo me fizeram relacionar o fato àquilo que Ulpiano Menezes<sup>14</sup> chama de amnésia social, o

---

<sup>14</sup> MENESES, Ulpiano Bezerra. A história cativa da memória? In: Estudos Brasileiros. São Paulo: n 34, 1992, p. 9-29.

esforço coletivo de esquecimento de algo que não é conveniente. A luta constante pela preservação da memória de João é ampla de significados que envolvem silêncio e esquecimento. O autor frisa que é necessário entender as significações e regras do silêncio a partir da colocação de Michael Pollack de que é fundamental entender as condições sociais sob as quais o silêncio e o esquecimento são produzidos.

Acredito que o caminho para responder essas condições sociais de produção do silêncio está na observação de como o povo-de-santo se relaciona ainda hoje com conceitos de pureza, tradição e genealogias que os ligam, real ou virtualmente, a realidades africanas. Essas condições sociais que produzem silêncio são as condições que preservam alguns nomes e esquecem tantos outros na história do culto aos Orixás no Brasil.

Assim, concluo com a reflexão sobre a importância de contar uma história de vida para a compreensão de uma realidade histórica que se diferencia da operação memorialista ao analisar os fatos observando sua historicidade e sobrepondo a contemplação da trajetória pela análise crítica.

Alessandro Portelli em *A Filosofia e os Fatos* (1996) cita *A Divina Comédia* como um texto representativo do período medieval italiano, não pelo fato de ser expressão média dos notáveis florentinos, mas por agrupar possibilidades sobre todos eles. Refletindo sobre a ausência de registros que nos aponte indícios de trajetórias de outros pais, mães-de-santo e de outros adeptos do Candomblé e comparando com a grande quantidade de fontes sobre a trajetória de João, penso a sua trajetória como uma possibilidade para se pensar o desenvolvimento da religião no Rio de Janeiro.

Possibilidade de um homem ganhar destaque no Candomblé, possibilidade do Candomblé conseguir visibilidade social positiva nos jornais dos anos 1940 e 1950, possibilidade de negociação entre o povo-de-santo e a sociedade para garantir a liberdade de culto plena, processo que ainda não está concluído e que ganha novos contornos no século XXI.

## REFERÊNCIAS

AUTORIDADES DISCUTEM UM TOMBAMENTO DO TERREIRO DO JOÃOZINHO DA GOMÉIA. Folha da Cidade, 20 de fevereiro de 2004

BORBA, Marco Aurélio. Funeral para um rei negro. *Manchete*, 04 abr. 1971. Fotos de Adir Mera.

GÓIS, Ancelmo. A coluna de hoje. *O Globo*, 15 ago. 2010. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/rio/ancelmo/posts/2010/08/15/a-coluna-de-hoje-316363.asp?palavra=gom%E9ia>>. Acesso em: 6 mar. 2015.

JOÃO, O PAI-DE-SANTO MORREU. Correio da Manhã, 20 de março de 1971.

JORNAL DO BRASIL. UM REI DO CANDOMBLÉ. 21 de março de 1971.

MEMÓRIA PERDIDA NA BAIXADA FLUMINENSE, EXTRA, 8 out 2011

MONTEAGUDO, Clarissa. Memória perdida na Baixada. *Extra*, 8 out. 2011.

MORREU O BABALAÔ JOÃOZINHO DA GOMÉIA. Diário da Noite, 20 de março de 1971.

POLLACK, Michel. Memória, esquecimento e silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

PORTELLI, Alessandro. A filosofia e os fatos. *Revista Tempo*, v. 1, n. 2, 1996.

REIZINHO. Goméia do luxo ao pulgueiro. *Expresso do fluxo*. 8 out. 2011. Disponível em: <http://expressodofluxo.blogspot.com.br/2011/10/gomeia-do-luxo-ao-pulgueiro.html>  
333Acesso em: 28 mar 2015.

SOUZA, Eldemar de. O terreiro da Goméia poderá ser preservado. *Caxias Magazine*, out. 1987.